

Explicação inicial sobre o porquê da entrevista.

1- Aprenderam ou desenvolveram algumas novas técnicas para utilizar nos instrumentos/voz?

Mariana- Tentar entrar em sintonia.

Eu- Pensem nos instrumentos que estão a usar ou outras experiências que tenham feito e que possam ter experimentado coisas ou utilizado coisas que até agora não tenham tido oportunidade. Ou mesmo o desenvolvimento de alguma técnica nos instrumentos que vocês não tivessem utilizado ainda bem.

(Silêncio)

Eu- Se não houver assim nada...

Ricardo- Da minha parte não. Da minha parte era a guitarra que também não é muito difícil e a flauta já estava habituado a tocar. Também foi igual.

Eu- E o teclado?

António- Da minha parte também não.

Eu- No teclado houve assim alguma coisa que tivesses aprendido ou que tivesse desenvolvido que não tinhas tido ainda oportunidade de explorar?

Samuel- Não.

2- Para vocês quais são as principais diferenças entre improvisar e compor?

Mariana- Improvisar é tocar uma música sem pauta. Sem ter que estar a seguir notas. Uma composição é tocar uma música que tenha...

Ricardo- Trabalhada.

Mariana- ... que tenha alguém que já tenha escrito as notas.

(Silêncio)

Eu- Podem ajudar!

Ricardo- Improvisação eu acho que é tocar sem uma ordem. Estarmo a ver alguma coisa e tocar no momento aquilo que nos parece ser melhor tocar consoante, no nosso caso, o filme que estávamos a ver. A composição já tivemos a trabalhar mais, já se viu melhor o que ficava melhor no filme e já é mais trabalhada nso instrumentos que nós vamos tocar.

Eu- Já há coisas mais definidas há medida que fomos fazendo várias passagens, que já foram ficando coisas definidas, há coisas que se repetem não é? Há idéias musicais que se têm vindo a repetir desde há algumas sessões para cá. Não é tudo novo de cada vez que vão fazer?

Ricardo- Não. O Jogo de sinos já estava no início. A flauta é que não, nós pensámos em meter. O António já tinha o tamborim já na parte do coração. De resto os instrumentos foram iguais.

Eu- Onde quero chegar é: vocês cada vez que são projetadas as imagens do filme, vocês não tocam não tocam uma coisa... experimentar à primeira. Já não estão nessa fase pois não?

Ricardo- Não.

Eu- Ou seja, há coisas que vão fazendo, vão repetindo das outras sessões anteriores. Vão melhorando, digo eu. Mas não estão escritas. Então isto pode ser encarado como uma improvisação ou uma composição?

Ricardo- Uma composição!

Mariana- Para mim é as duas coisas porque no fim nós estamos a tocar aquela sequência e nós já sabemos qual é a sequência porque temos a sequência escrita...

Eu- Vocês escreveram...?

Mariana- Sim, aquela sequência do fim. Mas para trás é improvisação. Não temos mais uma sequência de notas.

Eu- Isto se calhar é uma coisa que fica assim a meio caminho entre a improvisação e a composição. Porque por uma lado não está tudo escrito. Mas também já não é tudo novo e estamos a tocar à primeira aquilo que nos sugere. Também não é bem assim.

3- O que entendem por banda sonora?

Mariana- Banda sonora para mim é uma música que acompanha um filme...

Ricardo- Um conjunto de sons que acompanha o filme, sim. Mas que...

Eu- Vou concluir a minha pergunta porque se calhar ajuda às vossas respostas, a minha dúvida aqui é: o que é a banda sonora e o que é a sonoplastia? Qual a diferença entre as duas.

Mariana- Sonoplastia é por exemplo uma televisão, uma campainha. A banda sonora é uma música que entra numa parte de um filme, por exemplo numa perseguição.

(Faço referência à importância de todos contribuírem com a sua opinião)

Ricardo- Eu estou de acordo com a Mariana. A sonoplastia é quando algum... material ou algum objeto que faz algum som e que esse som é sonoplastia. Na banda sonora é uma música que nós tocamos que acompanha uma parte do filme.

Eu- Alguém quer acrescentar alguma coisa?

4- O que é necessário para fazer uma composição musical para um filme?

(Silêncio)

Eu- Pensem no processo que vocês seguiram ao longo do projeto.

Mariana- Para mim é preciso ter um instrumento para ver onde o vou utilizar, onde vou entrar com esse instrumento nalguma parte do filme, para ver o que fica melhor.

Ricardo- Termos uma ideia do filme, ou do vídeo, para sabermos o que é que... os sons que deveremos fazer para que o filme sem som não pareça igual. Com som seja completamente diferente do que com som (engana-se).

Eu- Do que com som? Para que o filme com som seja diferente do filme...

Ricardo- ... do filme sem som.

Eu- Diz lá Camila?

Camila- Era a mesma coisa que o Ricardo.

Eu- Então para vocês o mais importante será ter os instrumentos à disposição pr testar as ideias e um bom conhecimento do que está contido no filme para poder traduzir isso em som. É isso?

Ricardo- Sim.

5- Quais os mecanismos expressivos que consideram mais importantes numa composição musical para um filme?

(Recordo os mecanismos expressivos de que falei nas aulas)

Ricardo- Os sons mais agudos nas partes do coração e... o tempo que nós tocamos. A altura...

Eu- Quando falaste de agudo é a altura. Grave e agudo. Tu ias falar em relação à altura era o quê?

Ricardo- O grave e agudo também acho que são numa composição dos mais importantes. Na nossa composição do vídeo usámos os dois. Os agudos nas partes mais tristes, o grave na guitarra... para ter impacto.

Eu- Mas aí é só o grave ou também tem a haver com outros mecanismos expressivos? Que é a questão da... intensidade não é?

Ricardo- Sim.

Eu- Parece-me que no vosso filme faz algum sentido falar que existe uma importância dada ao som... à intensidade. Pelo menos à um sítio do filme, que é esse da guitarra, que se calhar faz sentido falar dessa importância.

6- Relativamente às experiências de improvisação anteriores (com outros indutores) o que acharam de trabalhar sobre os filmes?

Ricardo- Na altura é uma imagem, nós olhamos para a imagem e temos uma idéia. Depois mostramos essa idéia. Quando é um vídeo, como estivemos a fazer era mais trabalhado e tínhamos várias idéias, tínhamos de pensar mais, ir alterando algumas coisas que pudessem ficar melhor que a anterior. Trabalhar mais o vídeo.

Mariana- Numa imagem nós estamos a fazer sempre o ritmo ou triste ou alegre, porque não muda. No vídeo pode mudar entre o triste e o alegre.

Eu- Posso concluir que para vocês é mais exigente fazer o trabalho sobre um filme em vez de uma imagem parada por exemplo.

Ricardo- Depende do vídeo e da imagem.

7- Como avaliam a composição do vosso grupo? Porquê?

(Silêncio)

Eu- estão contentes, estão satisfeitos, acham que em relação à idéia inicial as coisas correram como tinham pensado...

Ricardo- Melhoraram.

Mariana- Bastante.

Camila- No princípio havia instrumentos que quando estavam a tocar parecia que não faziam sentido, mas depois no fim já tudo encaixava no filme.

Samuel- Eu acho que melhoraram também porque no início nós pensámos que o filme co a banda sonora por trás ia ficar de uma maneira. Agora já estamos a pensar...

Eu- Que acham que pode estar mais adequado o som à imagem?

Samuel- Sim.

Eu- Também achas o mesmo António?

António- Sim.

8- Que composição dos vossos colegas preferem? Porquê?

Ricardo- Eu só me lembro de um dos trabalhos. Acho que só chegámos a ver um que era um que tinha um pássaro e com o Pai Natal, que estava a passar o Pai Natal na janela e depois entrava o pássaro.

Mariana- É o da Noemi. Também gostei muito.

Ricardo- Achei interessante terem usado a maneira de assobiar da Beatriz naquela parte do pássaro. Ficava lá bem.

Mariana- E o reco-reco para...

Eu- Para a batedeira.

Ricardo- Sim.

9- Como é que acham que o vosso grupo se organizou?

Mariana- Primeiro estávamos todos eufóricos e... pronto eufóricos. Depois começámos a acalmar e começámos a planear e a conseguirmos melodias. E depois chegámos... à música.

Eu- Vocês hoje estão assim um bocadinho em baixo. Com pouca conversa. Bom há três pessoas que não sei se é só hoje que têm pouca conversa. Mas mesmo os outros acho pouco entusiasmados. Não é nada que tenha a ver com o projeto pois não?

(Silêncio)

Eu- Estão despontados com alguma coisa ou desiludidos com alguma coisa?

Mariana- Não.

10- Todos os elementos do grupo contribuíram com ideias e sugestões?

Todos- Sim.

11- Como é que decidiram que idéias musicais deviam ficar na versão final da banda sonora?

Ricardo- Fomos experimentando para ver quais é que... nós todos juntos, qual é que nós achavamos que as idéias podiam ficar melhor no vídeo.

Eu- Portanto, foi sempre decisão de grupo?

Ricardo- Sim.

Mariana- Sim. Cada um dava a sua idéia e depois a idéia que parecia melhor para o grupo ficava.

12- Na vossa opinião quais os pontos positivos do funcionamento do grupo?

Samuel- Ficámos a conhecer melhor os instrumentos.

Eu- Isso não tem que ver com o funcionamento do grupo. Tem a haver com o trabalho em si.

Eu- Não sei, por exemplo terem dividido tarefas e cada um ter feito a sua parte. A maneira como

vocês reuniam e discutiam as coisas, a conversa ter sido sempre agradável. Não ter havido ruturas

conflitos. Não sei, estou a dar hipóteses. Então vou por a questão de outra maneira: **E pontos**

negativos?

Mariana- Tirar a conversa, não toda a conersa, um bocadinho da conversa.

Eu- A conversa que não tinha que ver com o trabalho. Alguma dispersão?

Mariana- Sim. Também tirar a brincadeira.

13- Se voltassem a ter uma experiência (encomenda) deste género prefeririam compor sozinhos ou em grupo? Porquê?

Todos- Em grupo!

Eu- Agora vou acrescentar só uma informação adicional para vos fazer pensar nisto: não se

esqueçam que sózinho não é preciso andar a correr de um instrumento para o outro, porque eu

posso gravar um instrumento, depois gravar outro, fazer uma experiência e tirar. Agora com o

computador posso fazer isso tudo em casa quase. Mesmo com essa possibilidade achavam mais

interessante...

Mariana- Em grupo.

Ricardo- Sim.

Mariana- Porque com o grupo podemos ter mais idéias e discutir idéias. Sozinho podemos ter as

nossas idéias e depois chegarmos ao grupo, por exemplo, ... Discutimos idéias e como é que ficava

melhor e sozinho não se pode fazer isso.

Ricardo- Sozinho também não se pode tocar muitos instrumentos. Parece que vai-se repetindo

sempre a mesma coisa.

Eu- (Relembro as potencialidade da tecnologia de estúdio para o trabalho individual). Mas mesmo assim consideram mais interessante fazer o trabalho em grupo?

Ricardo (em simultâneo com outros)- Sim. porque assim tínhamos mais idéias e não era só a idéia

de uma pessoa, eram várias idéias e podiam ir melhorando cada vez mais o trabalho.

14- Durante a realização do trabalho de composição aprenderam algo de novo com algum dos outros elementos do grupo? O quê?

Ricardo- Eu não sei mas acho que foi o Samuel que tinha dito que acho que tinha um piano e que foi experimentando ensaiar em casa.

Eu- Mas isso não foi nada que... O que eu estou a falar é (dou vários exemplos de ajuda possível).

Mariana-A Camila quando nós estávamos na outra sala ajudou-me muito com o metalofone e ajudou-me muito porque eu estava a fazer uma música e a Camila disse assim “ah não mas olha para o filme e vê que isto não fica bem se estás a tentar fazer uma música triste, mas ao mesmo tempo com isso que está a fazer parece que é alegre”. Depois eu não estava a conseguir, ela ajudou-me e ficou...

Eu- E melhorou. E ajudou-te. Mais alguma coisa a destacar.

Ricardo- Também fui ajudando o António com a parte da flauta com as notas que nós escolhíamos para dizer “toca esta nota e depois toca esta, não faças assim tenta... de outra maneira”.

Eu- Foste incentivando e dando sugestões para ele ir experimentando coisas diferentes na flauta.

Ricardo- Sim, na flauta fomos vendo as notas que ficavam melhor. Fazer lá m ritmo na flauta também. O ritmo também do instrumento da Mariana... como é que ficava melhor. E depois juntar os instrumentos todos, quais é que deviam tocar uma parte e os que deviam tocar noutra.

Eu. Tudo coisas que foram fazendo entre vocês e aprendendo entre vocês e ajudando uns aos outros.